**A VOZ QUE NÃO SE OUVE: UM DIÁLOGO COM ADOLESCENTES SOBRE O IMAGINÁRIO DE GÊNERO**

Maria Natália da Silva

Acadêmica do curso de Educação Física – UERN/CAMEAM

ns,maria\_2@outlook.com

Lucas Damião Rodrigo de Oliveira

Acadêmico do curso de Educação Física – UERN/CAMEAM

lucaspdfrodrigues@hotmail.com

Yokky Ywky Dantas de Oliveira

Docente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte

yokky\_ywky@ifrn.edu.br

Bertulino José de Souza

Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

bj\_panorama@hotmail.com

**RESUMO**

O artigo a seguir retrata questões do imaginário de gênero voltadas as aulas de Educação Física, trazendo como objetivo: analisar mediante as relações nas aulas de Educação Física, aspectos do imaginário relacionados a discussão de gênero na escola como ação do projeto de Iniciação Científica PIBIC 2017 – 2018, com título Meninos e Meninas: Eu posso... ela não?! Um estudo sobre as práticas esportivas na Educação Física. Para isso realizou – se um estudo qualitativo e descritivo, com levantamento dos dados utilizando a técnica de grupo focal, com adolescentes de 12 a 14 anos da Escola Municipal Severino Bezerra. Para a seleção dos entrevistados foram utilizados os critérios a partir da matricula escolar e da frequência nas aulas da disciplina de Educação Física. As entrevistas trouxeram argumentos que puderam ser discutidos e analisados conforme a ótica Judith Butler e Louro, e também de estudos do imaginário. Os resultados apontaram para a necessidade de refletir sobre as aulas de Educação Física e suas possibilidades, admitindo um olhar mais ampliado da realidade social.

**Palavras chave:** Educação Física. Gênero. Sexualidade.

**INTRODUÇÃO**

Diante dos olhares voltados às aulas de Educação Física e suas manifestações, algumas culturas e comportamentos são percebidos, sobretudo, por aqueles que participam da aula direta ou indiretamente. Na maioria das vezes quem o aluno que é protagonista nas aulas, não se atenta a quais atitudes tomar e como reagir. A escola na maioria das vezes pode intervir em determinadas situações, concedendo seu posicionamento ou orientando seus alunos, Neto (2005, p.165) diz:

Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que perceberem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado. Portanto, a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão.

Assim, a escola contribui na construção da autonomia do aluno, e pode conceder orientações nas situações do dia a dia em que ele se encontra. Pensando nesta perspectiva, mediante a comentários e discussões voltadas as aulas de Educação Física dentro do contexto escolar, alguns levantamentos entraram em questão, e deram ênfase ao comportamento dos alunos mediante seu sexo e gênero nas aulas de Educação Física, provocando a seguinte questão: Como os alunos nas aulas de Educação Física, pensam e se relacionam com os diferentes tipos de gênero?

Desse modo, introdutoriamente começamos nossa discussão abordando o conceito de gênero que, segundo Kabeer (1997, p.330.) pode ser definido como

...processo através do qual indivíduos que nasceram em categorias biológicas de machos ou fêmeas, tornam-se categorias sociais de mulheres e homens pela aquisição de atributos pela masculinidade e feminilidade definidos localmente.

Em outras palavras, o sexo biológico é dado pela natureza, ao nascermos, o gênero é construído socialmente e culturalmente. Querendo ou não, atualmente lidamos com esses impasses entre gêneros nas escolas, e isso, pode e deve ser discutido, assim como, fomentado nas aulas mediante orientação dos professores. Acreditamos que, quando determinado conceito se torna tão utilizado, é necessário elabora - lo, pois assim estaremos preparando e conduzindo os alunos dentro da realidade em que eles se encontram, trazendo aos mesmos, valores culturais que devem ser reconhecidos.

Nesta linha de pensamento, ver as aulas de educação física como um trânsito constante de gêneros, evidencia – se o papel da cultura corporal, sobretudo ao buscar percebe – la como elemento rico de valores e com um leque de possibilidades para o entender da atualidade.

Assim sendo, o olhar para a cultura corporal relacionada a questões de gênero como foi abordado anteriormente, é visto com frequência nas aulas de educação física. Como por exemplo, quando menino joga com menino e menina joga com menina. São situações que vem culturalmente sendo vistas e dentre a maioria das vezes tida como normal, onde permeia aí uma cultura machista predominante. Diante dos comentários populares como “Jogar bola é coisa de menino”, “Menina brinca de boneca e menino de carrinho”, são apenas alguns dos inúmeros exemplos do cotidiano. São símbolos de uma cultura que passa a definir o que se é e como ser. O que, para Butler (2010, p.25) representa que “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”.

Deste modo, são comentários costumeiros como os relatados que acabam levando esta cultura misógina para outras vertentes. Gilmore (2001) diz que a misoginia é um preconceito sexual, partilhado entre homens, que se manifesta na forma como os sexos se relacionam entre si, assim isso se prolífera de geração para geração permeando uma monocultura do machismo na sociedade, na maioria dos casos, quando eles são ditos por crianças, alguns deles são meras reproduções do ambiente em que eles vivem, já outros, podem vir formados com uma justificativa para o mesmo, quando a criança já se encontra em um nível de autonomia onde ela é influenciada e com isso vai formando sua opinião.

Com isso, quando estes chegam até o ambiente escolar e isso afeta o convívio de alguma maneira, isto deve ser problematizado. Assim, discutir questões de gênero nas aulas de educação física se torna essencial, pois, conduz até o aluno questões pertinentes e que futuramente corroborarão numa formação cidadã, ou seja, une necessidades importantes, especialmente quando o aluno participa de uma cultura de movimento nas aulas e tem afinidade com a disciplina e os conteúdos que a mesma aborda – despertando valores que vão ser repassados.

Desta forma, com o intuito de pesquisar as questões emergentes no campo dos estudos de gênero e ponderando sobre a diversidade para o contexto das aulas de educação física, foi enfatizada a essa separação entre menino e menina nas aulas de Educação Física, discutindo esse enraizamento cultural enxergado diariamente. Partindo desse pressuposto, o objetivo foi de analisar, tendo em conta as aulas de Educação Física, aspectos do imaginário relacionados discussão de gênero na escola.

Neste sentido, os aspectos introdutórios já discutidos, dão corpo e sentido à pesquisa realizada no Programa Institucional de Iniciação Cientifica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – PIBIC, com o título *Meninos e Meninas: Eu posso, ela não?! Um estudo sobre as práticas esportivas nas aulas de Educação Física,* como investigação adequada à Linha de Pesquisa Imaginário do Esporte do Grupo de Pesquisa Educação Física, Sociedade e Saúde.

Assim sendo, optou se pela natureza qualitativa que, segundo Godoy (1995) congrega as características básicas desse estudo se baseiam quando o pesquisador vai a campo buscar respostas para partir das perspectivas e dos pontos relevantes que as pessoas envolvidas na pesquisa consideram, para que assim sejam coletados e analisados. E para complementação do levantamento do aporte, foi utilizada o método de estudo descritivo que Gil (1999) determina como a descrição de uma determinada população destacando seus fenômenos e variáveis.

Assim, além do aporte teórico juntamente com os dados analisados, para uma melhor coleta de informações, foi utilizada a técnica de grupo focal. Para Morgan (1997), ela se caracteriza como uma técnica derivada de entrevistas grupais que coletam informações por meio das interações do grupo que está sendo entrevistado, em um determinado ambiente concedendo seus posicionamentos.

Dessa maneira, a pesquisa de campo, realizada com a técnica de grupo focal, ocorreu na Escola Municipal Severino Bezerra; localizada na Avenida Senador Dinarte Mariz, 550, no bairro São Benedito, em Pau do Ferros – RN; com duas turmas de alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental, com faixa etária entre 12 e 14 anos, regularmente matriculados na escola e frequentes nas aulas da disciplina de Educação Física. Para coleta dos dados foram observadas uma aula por semana durante um período de 30 dias, como também analisadas as listas de frequência da disciplina, para que pudéssemos então realizar a técnica de grupo focal, aplicadas em uma amostra de 40 alunos. Em algumas oportunidades foram observadas aulas práticas da disciplina nestas turmas para um melhor entrosamento e problematização. A técnica de grupo focal foi aplicada em dois momentos, um em cada turma considerando o momento de aula dos alunos e da professora responsável pela disciplina. Em ambos, ela foi previamente comunicada e disponibilizados 40 minutos para aplicação da entrevista em cada turma.

Com isso e para evitar influências, a professora das turmas não participou da coleta. Os alunos foram posicionados em forma de círculo, e o gravador utilizado em um celular posto ao centro, para registro de todas as falas. Cada entrevista durou o tempo previsto e durante as interações e posicionamentos era solicitado que os alunos/entrevistados falassem em alto e bom tom para melhor qualidade do áudio, melhorando fidelidade da pesquisa.

Desta feita, foram elaboradas 5 perguntas - base que norteariam todo o processo, que foram: “O que vocês pensam em relação a divisão de meninos e meninas nas aulas de Educação Física?”, “O time de pelada de futsal da escola está sendo formado e está faltando um integrante para completar a equipe masculina, uma menina entrará na equipe para jogar na opinião de vocês, ela será ou não aceita na equipe?”, “José é do time masculino da escola ele joga muito bem futebol. Mas agora ele se identifica como do gênero feminino e quer continuar jogando para vocês o que ele deve fazer? Ele é um menino, mas se identifica com o gênero feminino.”, “O que vocês pensam de uma menina quando a ver dentro de um esporte que só meninos jogam?”, “Vocês consideram possível que um esporte, ou alguma atividade física possa mudar a sexualidade do indivíduo? Ou seja, se o esporte pode dizer o que uma pessoa é através dele?”, entendendo que as indagações poderiam derivar outras.

Para os resultados e discussões da pesquisa, foram utilizados os posicionamentos que estiveram em evidencia durante a entrevista e para citá-los, foi empregada a nomenclatura “entrevistado/aluno ou entrevistada/aluna” para se referir a fala de cada participante, assim preservando a identidade de cada um.

**RESULTADOS ALCANÇADOS E DISCUSSÕES TEÓRICAS**

Para dar norte a discussão, o pensamento de Michel Foucault nos oportuniza ponderar pois afirma “… de onde vem o poder, para onde ele vai? Por onde ele passa e como isso se passa, quais são todas as relações de poder, de que modo se podem descrever algumas das principais relações de poder exercidas em nossa sociedade?” (FOUCAULT, 2010, p.73). Ou seja, interrogações profundas e complexas, que nos conduz a pensar na ótica da posição do homem na sociedade atual e em como isso se prolifera continuamente, servindo de base para analisarmos os comentários dos entrevistados, confrontando – os com a literatura da área.

Assim, a primeira pergunta foi “*O que vocês pensam em relação a divisão de meninos e meninas nas aulas de Educação Física?”*, essa pergunta gerou um certo debate durante a entrevista, citado a seguir:

Entrevistado 1: “Pode ser separado ou junto”. Entrevistado 2: “Eu acho, que tem que ser separado, por que meninas são mais frágeis”. Entrevistado 3: “É difícil, a menina gostar da mesma coisa”. Entrevistada 4: “Os meninos, gostam mais de uma coisa e as meninas gostam mais de outra coisa”. Entrevistado 3 Discorda: “É difícil menina gostar de futebol”. Entrevistada 4 Retruca: “Não, vocês simplesmente não deixa a gente brincar com vocês”. Entrevistado 3: Não, vocês sempre brinca com a gente quando estamos jogando handebol”. Entrevistada 4: Há, mas é porque a professora manda, se não dependesse dela vocês não deixaria”. Entrevistado 3: “É mas, é porque vocês são muito delicadas”. Entrevistado 2: “Eu acho que tem que ser separado”. Entrevistada 4 discorda novamente: “Igualdade para todos, menino”. Entrevistado 3: “Não, é mas porque às vezes o menino gosta de uma brincadeira, as meninas quer outra. Entrevistador: Então vocês acham, que deve ficar separado? Entrevistado 3: Não, mas também ficar junto, também é bom, de qualquer jeito dá certo”.

Fonte: Dados da pesquisa PIBIC

Notemos assim, que a argumentação dos 3 meninos, demonstra um nítido e conservador ponto de vista, enquanto que a menina rebate tal posição, argumentando que a não participação ocorre pelo impedimento proporcionado pelos meninos e não pela vontade delas. Já eles, afirmam que o problema é o motivo das meninas quererem jogar outra coisa. Diante destas afirmações, surgem outras inquietações. Como os meninos sabem que as meninas querem jogar outra coisa, se eles não a permitiram jogar, apenas negaram? Isto tonar-se um paradigma que vem se permeando as práticas corporais a décadas, e que talvez seja o motivo da limitação que divide atividade feminina e atividade masculina. Quando menino brinca de carrinho e menina de boneca, esses pensamentos podem vir culturalmente do “berço” onde a criança foi criada, mas ele pode desenvolver-se a partir do momento em que a criança entra em contato com outras crianças, ou seja, na escola, "As crianças aprendem o sexismo na escola ao se defrontar com a hierarquia do sistema escolar, onde os papéis feminino e masculino estão determinados". (ALAMBERT, apud VALENZUELA; GALLARDO, 1999, p.45).

Tendo isso em conta, formulou – se a seguinte questão “O time de pelada de futsal da escola está sendo formado e está faltando um integrante para completar a equipe masculina, uma menina entrará na equipe para jogar, na opinião de vocês, ela será ou não aceita na equipe?”, as respostas foram diferentes e tornaram interessantes as interações. Os entrevistados disseram o seguinte:

Entrevistado 1: “Aceita, ela vai ser aceita”. Entrevistado 2: “Melhor do que ficar sem jogador, aceito”. Entrevistador: Você aceitaria uma menina jogar com vocês? Entrevistado 3: “Aceitaria, aceitaria! ” Entrevistador: “Mas e aí se ela não soubesse jogar? ” Entrevistado 3: “Mas aí, ela servia para alguma coisa porque era melhor do que ficar sem um jogador”. Entrevistado 2: “Não, ela não será aceita porque os meninos não vão gostar de uma mulher no time, porque ela é mulher e tem mulheres que não sabe jogar futsal”. Entrevistada 1: “Eu acho que eles aceitam, porque as meninas também podem jogar, não importa se ela é menina”. Entrevistado 4: “Não penso assim porque todo mundo tem que jogar”.

Fonte: Arquivo da pesquisa – PIBIC

Diante disso, acreditamos que, em sua maioria, os meninos colocaram-se na posição de aceitar a entrada da menina no jogo, pelo fato de que se ela não entrasse não haveria mas jogo. Quando o entrevistador pergunta, “Mas e aí, se ela não souber jogar?” e o garoto responde “Mas aí, ela servia para alguma coisa, porque era melhor do que ficar sem jogar”. Porém mediante a estas colocações um menino se posiciona dizendo “Não, ela não será aceita porque os meninos não vão gostar de uma mulher no time, porque ela é mulher e tem mulher que não sabe jogar futsal”. Percebemos nesta última fala, uma reafirmação contida na cultura corporal de movimento, quando legitima práticas como atributos de apenas alguns elementos, negligenciando os demais.

Note – se, que pensar o esporte futsal apenas como um atributo masculino, nos faz reportar Louro (2000) ao estabelecer que, na nossa forma usual de compreender e analisar as sociedades, empregamos um pensamento polarizado sobre os gêneros: muitas vezes nós concebemos homem e mulher como pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação - submissão. Para a autora, a "proposta desconstrutiva" visa romper com esta forma de pensar. Tal proposta de desconstrução das dicotomias significa problematizar a constituição de cada polo, demonstrar que cada um, na verdade, supõe e contém o outro; mostrar que cada polo não é único, mas plural; mostrar que cada polo é internamente fraturado e dividido. Para melhor compreender esse significado, podemos retorna a fala do entrevistado 4 quando ele diz “Não penso assim, porque todo mundo tem que jogar”.

Ainda, a guisa de debater na essência a questão, foi lançada a seguinte problemática “José é do time masculino da escola ele joga muito bem futebol. Mas agora ele se identifica como do gênero feminino e quer continuar jogando. Para vocês, o que ele deve fazer? Ele é um menino, mas se identifica com o gênero feminino.” A interação nesta pergunta foi intensa e participativa.

Aluno 3: “Jogar! Continuar jogando. ” Aluno 2: “Continuar jogando”. Entrevistador: Mas aí, José ia deixar o cabelo crescer como de mulher e se vestir como mulher. Aluno 3: “Tá certo, tá certo”. Entrevistador: Mas, você vai estar com uma chuteira preta e ele com uma rosa jogando com vocês. E aí? Aluno 3: “Não, mas aí não vai ter nada não”. Aluno 2: “Ia continuar jogando como sempre, ele não é o participante do time, então”. Entrevistador: “Mas e aí se ele jogar mal? ” Aluno 3: “Se ele joga mal, não tem nada não, coloca ele no banco de reservas”. Aluno 5: “Esquenta o banco de reservas”. Aluno 3: “É aí depois ele entra de novo”. Aluno 2: “Ou então, ele fica como gandula”. Entrevistador: “E se ele jogar bem”? Aluno 3: “Ele fica titular”. Entrevistador: “E vocês meninas? O que acham? Eles vão aceitar ele jogar? ” Aluna 4: “Vão ficar falando, os meninos soltando piada”. Entrevistador: “Mas ele se identifica com o gênero feminino, como uma menina e não é para jogar com as meninas não? ” Aluno 3: “Mas aí se ele quisesse deixar o time, dava certo, mas se ele não quiser. ” Aluno 2: “Mas aí nós conversava com ele, para ver se ele queria voltar a ser homem”. Aluno 3: “Não precisa, nós temos amigos assim, nós nunca precisamos fazer isso”. Entrevistador: “Como é que vocês tratam esse seu amigo? Vocês deixam ele jogar? Ou sempre tem aqueles que xingam ele?” Aluno 3: “Não”. Aluna 4: “Tem deles, que ficam xingando”. Aluno 3: “Tem gente, que não tem paciência quando tá jogando, chama de gordo, de feio, de burro, “viado”.

Fonte: Arquivo da pesquisa – PIBIC

Observe – se, como é incrível a forma como os alunos falam sobre “José”. É perceptível, para quem conhece a diversidade de gêneros presentes atualmente, que a hipótese lançada falava sobre um garoto transexual. A argumentação dos alunos, partiu de um pressuposto de um homossexual. Butler (2010) diz que a matriz cultural da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” - isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”, desta forma “decorrer” seria uma relação instituída pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. Pensando nisso, foram questionadas diferentes formas de “José” entrar no jogo, e foram com essas argumentações que foram percebidos que a falta de conhecimento sobre o que é gênero, os diferentes tipos e suas características, estavam fora do conhecimento dos entrevistados. Ainda que algumas provocações estimulassem utilizadas pelo entrevistador fossem relativamente apelativas mas com o único propósito de faze – los pensar nas múltiplas possibilidades de entender a realidade posta.

Também, foi feita a seguinte indagação “O que vocês pensam de uma menina quando a vê dentro de um esporte que só meninos jogam?”

Aluno 3: “A eu acho que ela gosta do esporte, que ela tá lá né?”. Aluno 2: “Sim”. Aluno 3: É porque, é impressionante uma mulher tá jogando com os homens”. Aluno 1: “E é muito difícil a pessoa ver isso”. Aluno 3: “É porque, as mulheres gostam mais de cuidar das pessoas assim”. Aluno 1: “É ficar sentada conversando”. Entrevistador: “Meninas, o que vocês acham de uma amiga de vocês, jogando com os meninos? ” Aluno 3: “É normal, normal sim”. Entrevistador: Mas, e aí se no decorrer do jogo, vocês verem um colega de vocês chamar essa menina de “macheira” o que vocês fazem? ” Aluno 3: “Eu digo diabo é isso menino, deixa a menina ser feliz, ela não é macheira não, ela não pode jogar não? ” Aluno 1: “Ela tá só se divertindo”. Aluna 4: “Isso é errado”. Aluna 5: “Não acho certo, porque sei lá, porque vai ser estranho a menina jogando com um bocado de menino jogando”. Aluno 1: “Tem gente que diz, vai lavar as panelas, algumas delas diz isso”. Entrevistador: “E lugar de mulher é em casa mesmo? ” Aluno 2: “Em qualquer lugar, ela pode ficar”. Aluno 1: “Em festa”. Aluno 2: “Em festa tem muito”.

Fonte: Arquivo da pesquisa PIBIC

Com isso, a visão da menina fora dos esportes, principalmente os predominantes como o futsal, reflete também as ações na escola, especialmente quando a relação entre meninos e meninas se tornam próximas e ao mesmo tempo distantes. Próximas a partir do momento em que os meninos deixam as meninas jogarem, e distantes quando os próprios adolescentes percebem a ausência das meninas na prática. Sobre isso. Butler (2010) fala da heterossexualidade naturalizada que exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas, e a partir do momento em que a mulher se distancia das práticas que o homens estão em maioridade, essa diferença torna-se cada vez maior.

Por fim, a última questão indagou “Vocês consideram possível que um esporte, ou alguma atividade física possa mudar a sexualidade do indivíduo? Ou seja, se o esporte pode dizer o que uma pessoa é através dele? Por exemplo, o fato de uma mulher jogar futsal, faz dela um menino?”

Aluna 4: “Não”. Aluno 3: “Tem gente que diz”. Aluna 4: “Não”. Aluno 3: “Tem gente que diz que ela é sapatão, essas coisas, porque ela gosta desses esportes e fica praticando”. Aluno 1: “Ou então ela tá querendo ser homem né?”. Aluna 4: “Aí, só por causa do esporte, você vai deixar de ser o que é, porque você tá praticando, você vai ser “viado?” ” Entrevistador: “Acha que a pessoa, pode mudar a sexualidade por causa do esporte? ” Aluno 1: “Eu acho, que pode mudar porque tá perto de homem de menino aí se pressionar”. Entrevistador: “Vocês acham que se vocês pressionarem a menina vai mudar a sexualidade? ” Aluna 4: “Eu acho que não, porque a gente não vai mudar por causa de um menino, não tem nada a ver porque se a gente mudar o problema é nosso não é deles. ”

Fonte: Arquivo da pesquisa PIBIC

Notemos um grau relativo de maturidade nas respostas e a indicação da influência da cultura na predominância de uma sexualidade quando o tema é esporte. Ficou evidente aqui, mais uma vez, que pela ausência da prática feminina no esporte e no momento em que isso se prolifera de geração em geração, surgem então pensamentos misóginos como os acima mencionados. Butler (2010) ainda relata que o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado e que tem que designar também o aparato mesmo de produção, mediante o qual, os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza, ele também é o discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou um “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Partindo do objetivo deste artigo que foi o de analisar os discursos dos alunos como produto das aulas de Educação Física e neles, aspectos do imaginário relacionados a discussão de gênero na escola. As entrevistas realizadas em grupo focal, trouxeram uma visão ampla do que os alunos pensam sobre as diferentes questões.

Comentários voltados a cultura machista predominaram, principalmente associados a prática esportiva quando se fala de diferentes gêneros. Com isso foi evidente a ausência de conhecimentos atuais sobre a diversidade, quando os alunos ainda mantém argumentos primários sobre um tema tão relevante e atual.

Os debates foram incitados e cada opinião exposta conduziu à reflexão de como podemos estimular estes temas atuais e predominantes para as aulas, utilizando dos conteúdos da Educação Física para dar norte a essas discussões, fazendo com que a partir das atividades os alunos possam enxergar as várias realidades e reduzir os preconceitos sobre sexualidade e gênero.

**REFERÊNCIAS**

BUTLER,J.**Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2010

FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (**Ética, sexualidade, política;** v. 5)

GALLARDO, G; VALENZUELA, M. Uma alternativa de equidade de gênero na pré-escola, em **Cadernos Sempreviva Organização Feminista - SOF, gênero e educação**. FARIA, N; NOBRE, M; AUAD, D; CARVALHO, M. (orgs.) São Paulo: SOF, 1999, p. 40-54.

GIL, A, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ed. São Paulo, 1999.

GILMORE, D. **Misoginia: A maldade masculina**, Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, Pressione: 2001.

GODOY, A.S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE, Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57,63, 1995.

KABEER, N. Usos, dificuldades e possibilidades da categoria gênero, em **Gênero: a construção cultural da diferença sexual**, PUEG, Universidade Nacional Autônoma do México, México, 1997, p. 327-366.

LOURO, G. L. **Curriculo, gênero e sexualidade** Porco: Porto Editora, 2000.

NETO A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal Pediatria**, vol.81, p.164-172 Rio Janeiro: 2005.